

O Carnaval e seu significado em nossa cultura

Esta época do ano é, tradicionalmente, marcada pela celebração da maior festa popular do país. É o momento em que todos fazem uma pausa na realidade e vestem diferentes fantasias: os foliões vivem a ilusão de uma outra vida e, mesmo quem não compartilha do espírito carnavalesco, suspende temporariamente as angústias do cotidiano. Para refletir sobre esse momento único em nossa cultura, convidamos o professor José Rivair Macedo, do Departamento de História, que resgata as origens da tradição; e Josiane Ulrich, doutoranda da Universidade de Amsterdam, que aponta o carnaval como porta para o entendimento da sociedade.



Uma festividade milenar

José Rivair Macedo*

As origens do carnaval perdem-se na noite dos tempos, e as tradições que as integram não têm unidade aparente. Seria temerário propor uma contribuição predominante, tal a multiplicidade de interferências culturais nesta festividade que equivocadamente pensamos ser “naturalmente” brasileira. Se a expressão carnaval veio a ser utilizada com maior frequência a partir do Renascimento europeu, os fenômenos a ela associados são muito anteriores.

Em seus primórdios, parece certa a influência dos rituais dedicados a Dioniso, na Grécia, e a Baco, em Roma. Daí o consumo desenfreado do vinho e a manifestação orgiástica da fertilidade. Das Saturnais romanas deve ter tirado a idéia de um tempo primordial, de uma Idade de Ouro marcada pela abundância e pela inversão da ordem social. Mas o carnaval europeu deve igualmente algo às festas célticas propiciatórias de Samhain, de 1º de novembro, que anunciavam a entrada do inverno e celebravam o encontro entre seres deste e do outro mundo (origem do atual *Halloween*), e de Imbolc, de 2 de fevereiro, em homenagem à deusa Brigida em comemoração à chegada da primavera, ambas caracterizadas pela comilança e pela bebedeira.

Na Europa medieval, outras contribuições foram agregadas às festas de inverno das calendas de dezembro e de janeiro, conhecidas em geral pelo nome de “Festas dos loucos”. Condenadas pela Igreja, elas subsistiam com a conivência do clero local. Constituíam um entreato

cômico entre as duas grandes festividades da cristandade – o Natal e a Páscoa. Entre elas estavam as festas de São Nicolau (06/12), Santo Estevão (26/12), São João Evangelista (27/12), a dos Santos Inocentes (28/12), a da Circuncisão (1º/1), a da Epifania (06/1) e principalmente a Festa do Asno (26/2). Todas antecediam a Quaresma, e eram marcadas pela descontração, comilança, bebedeira, danças e mascaradas mais ou menos promíscuas, e pela subversão temporária da ordem social (com a sátira aos membros da Igreja e demais poderes estabelecidos).

A vinculação com a Quaresma, período de moderação e continência sexual, parece fornecer a explicação mais plausível para o nome da festa, tal qual aparece nos documentos do fim da Idade Média (*Carnilivari*, *Carnelevarium*, *Carneleval*, *Carnal*, *Carnestolendas*). Enquanto alguns defendem a idéia de que a palavra *carnaval* proviria de *currus navalis*, isto é, o “carro naval” utilizado nos desfiles renascentistas, outros, com maior propriedade, entendem que ela derivaria da expressão latina *carne vale*, que significa literalmente “adeus à carne”, numa alusão ao costume cristão de interpor antes da Quaresma um curto período de liberação corporal.

No Brasil, até o século XIX subsistiram as manifestações do *entrudo* – festividade origi-

Da associação do carnaval ao samba nasceu a festa brasileira, ícone nacional

nária da Península Ibérica, conhecida na Espanha por *antruejo*. Ocorria pouco antes da Quaresma, e por ocasião do nascimento ou do casamento de membros da família real portuguesa. Caracterizava-se como um momento de expressão pública de alegria, com cortejos de rua, batuques, danças, e todos, inclusive os escravos, podiam usar máscaras, fantasias e brincar livremente.

Data da segunda metade do século XIX o aparecimento das sociedades carnavalescas em clubes privados, e uma certa elitização da festa. Condenadas como atividades imorais, as comemorações do *entrudo*, cada vez mais africanizadas, evoluíram para as formas do carnaval de rua. Na passagem do século XX, durante a chamada *belle époque*, os blocos carnavalescos, os ranchos e o *corso* (desfile de carros) encontravam-se bem integrados à paisagem das grandes cidades, sendo ritmados ao som de marchinhas, batuques, lundus.

Em meio urbano, as comemorações carnavalescas adaptaram-se aos ritmos locais: ao frevo e ao maracatu, em Pernambuco, e ao samba de roda na Bahia e no Rio de Janeiro. Nos anos 1930, nasciam as primeiras escolas de samba cariocas (entre as quais, *Portela*, *Mangueira*, *Estácio de Sá*, *Unidos da Tijuca*) e nos anos 1940, durante a ditadura do Estado Novo, por orientação do De-

partamento de Imprensa e Propaganda (DIP), os desfiles carnavalescos ganharam apoio governamental e incorporaram elementos patrióticos, ufanistas. Era o prelúdio de uma tendência cuja melhor ilustração está na consagrada e quase mitológica canção *Aquarela do Brasil* (1939), de Ary Barroso. Da associação do carnaval ao samba nasceu o fenômeno do “carnaval brasileiro” com suas cores e tons peculiares, e a festa ganhou o *status* de ícone nacional.

Para saber mais

José Ramos TINHORÃO. As festas no Brasil colonial. São Paulo: Editora 34, 2000.

Maria Isaura Pereira de QUEIROZ. Carnaval brasileiro: o vivo e o mito. São Paulo: Brasiliense, 1992.

Julio Caro BAROJA. Le carnaval. Paris: Gallimard, 1979.

Jacques HEERS. Festas de loucos e carnavais. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1987.

Harvey COX. A festa dos foliões: um ensaio sobre a festividade e a fantasia. Petrópolis: Ed. Vozes, 1976.

Umberto ECO. Carnaval!. México: Fondo de Cultura Económica, 1989.

* Professor do Departamento de História do IFCH

Academia e cultura popular na passarela do samba

Josiane Abrunhosa S. Ulrich*

O carnaval é uma manifestação ímpar da cultura popular brasileira que nas malhas do tecido social ganhou corpo e forma no interior das cidades. Sua face compõe cenários de múltiplos significados culturais, que nos reportam à fantasia, à história, à memória, à vivência, à socialização, às fronteiras simbólicas e étnicas dos grupos e, sobretudo, à arte na sua dimensão existencial.

No período que antecede os dias de folia, evidenciamos através da escrita e das imagens reportagens sobre o carnaval, visto que a correria dos barracões sinaliza a emoção das infinitas cores que explodem nos corações de brasileiros que amam esta festa. Os jornais das cidades apresentam os preparativos, os sambas-enredo das escolas, as particularidades, músicos, cantores, dançarinos, reis e rainhas, carnavalescos novos e antigos. Enfim, uma infinidade de artistas e personalidades que ganham brilho e visibilidade.

O carnaval de Porto Alegre, este ano, através da Escola de Samba Bambas da Orgia, homenageia o Instituto de Artes da UFRGS. Além da justa homenagem que a escola de samba mais antiga da cidade faz à instituição de ensino que completa 100 anos, o universo acadêmico e popular são destacados.

Neste caso é a arte popular que reconhece o ensino e produção artística que percorre os caminhos da formação institucional. O título do samba-enredo é exemplar: “Faculdade de vida, trajetória de bambas. Instituto de Artes 100 anos: a universidade é do samba”.

Fonte eterna de inspiração, o carnaval brasileiro foi intensivamente fotografado e pintado por artistas nacionais e estrangeiros fazen-

Durante o carnaval, as diferenças étnicas, de classe social e gênero são dissolvidas

do com que esta manifestação extrapolasse o espaço do espetáculo para as galerias de arte. E hoje as escolas de samba em centros urbanos de grande porte se apresentam como um mercado de trabalho potencial para profissionais formados nas universidades, sejam estes artistas plásticos ou coreógrafos.

Já nos bancos acadêmicos, o tema do carnaval chegou lentamente na década de 70, enfrentando os preconceitos dos eruditos que não acreditavam ser este um assunto nobre para ser estudado, em especial, por cientistas sociais na época. Entretanto, os diversos estudos de antropólogos, historiadores e sociólogos se firmaram no horizonte acadêmico, evidenciando os caminhos de entrada do carna-

val para a compreensão de inúmeros aspectos da sociedade brasileira.

A arte sem dúvida apresenta o qualitativo de unificar dimensões que no cotidiano estão dispersas e separadas. Mas na passarela do samba é o momento ritual da existência de uma temporalidade especial que permite a subversão da ordem cotidiana; em que as diferenças étnicas, de classe social e gênero são temporariamente dissolvidas. Assim, a leitura simbólica do momento ritual da avenida não deixa de ser paradigmática e nem por isto menos bela e cruel; visto que parcelas significativas dos foliões que confeccionam as alegorias do carnaval e vivem o mesmo não ascendem aos bancos universitários. A letra do samba diz: “na avenida o mestre é Bambas da Orgia”.

* Mestre em Antropologia Social pelo PPGAS - UFRGS e doutoranda pela Universidade de Amsterdam